

---

# O TODO QUE REGRA UM NÃO TODO

---

(Sobre as Fórmulas da Sexuação)

1

2

*Taciana Mafra*

Diante da leitura do Seminário 20 - ENCORE, texto em que Lacan aborda as Fórmulas da Sexuação, é inevitável uma certa perplexidade com uma tal construção **inovadora** e, ao mesmo tempo, se dar um certo trabalho naquilo que elas nos exigem como reflexão.

O que tentarei desenvolver nesse texto, é como se edificam alguns aforismas de Lacan em conseqüência do sentido estabelecido por ele nessas fórmulas, que dizem de uma escritura formal onde, à revelia de nosso conhecimento, nossa vida sexual se organiza.

Os três aforismas que pretendo articular são: A mulher não existe, Não existe relação sexual e A mulher tem um duplo gozo.

Mesmo que para muitos esse tipo de construção lacaniana — refiro-me a essas escrituras matemáticas — sejam por demais antipatizadas, parece inevitável o nosso interesse, inclusive porque elas preparam as elaborações do nó borromeu.

Essas fórmulas, se não tivéssemos que entendê-las, teriam um certo charme. Quando Lacan esteve na Itália falando sobre esse tema, no dia seguinte, a imprensa publicava em manchetes: "Para Lacan não existe mulher". Mas tentemos estabelecer uma leitura possível às suas composições, tentando escapar aos mal-entendidos que elas suscitam:

$\exists x \Phi x$	$\exists x \Phi x$
$\forall x \Phi x$	$\forall x \Phi x$

Partirei do que vem a ser um artigo definido: "o" "a".

O que determina sua utilização na língua é o fato de que os componentes do conjunto evocado constituem uma classe. A questão é saber o que constitui uma classe e, ainda, o que desses

componentes definidos determina a utilização do artigo definido "o" ou "a".

É daí que Lacan estabelece a **exceção**, ou seja, suponhamos um conjunto de quadrados; para que eu identifique esses elementos como quadrados é necessário que exista **ao menos um** que

1

não seja quadrado, ou melhor, que constitua uma exceção. Só dessa maneira saberemos o que especifica os componentes do conjunto..

Freud levantava a questão sobre a universalidade do Édipo; será que alguém escaparia à castração? E seus discípulos concluíam que a castração era algo universal.

No quadro, a fórmula da esquerda abaixo é lida "todo  $\chi$  é  $\Phi$  de  $\chi$ ". Essa fórmula quer dizer o que concluíam os discípulos de Freud "todos marcados pela castração".

É deste ponto que Lacan observa que não se pode falar de totalidade, a não ser na condição que haja ao menos um  $\chi$  que diga não à função fálica. E isto é o que está representado à esquerda acima: "existe um  $\chi$  não  $\Phi$  de  $\chi$ ".

E Lacan nos diz que há classe: a totalidade se funda porque há a exceção, reconhecendo nesse lugar não  $\Phi$  de  $\chi$  o pai da horda de Totem e Tabu que tinha todas as mulheres. No quadro, as fórmulas da esquerda isolam um conjunto fechado, na medida em que cada elemento do conjunto é relativo às propriedades da classe: ser castrado.

É sabido que o complementar de um conjunto fechado será sempre um

conjunto aberto; o que pertence à classe será fechado no conjunto e o que resta no universo não tem limite, é aberto, existindo aí elementos indefinidamente sem que possam ser constituídos numa totalidade fechada, ou seja, numa outra classe.

Deste ponto Lacan interroga sobre as relações dos elementos de um conjunto aberto com a castração; e situando-se à direita do quadro constata "nem todo  $\chi$  é relativo à função fálica", determinando do lado esquerdo a posição masculina dependente da castração graças ao **menos um** que disso escapa; e do lado direito, a posição feminina.

O que ocorre é que esse conjunto aberto não constitui uma totalidade, portanto, não há mais classe do lado da posição feminina; não podemos aí discriminar o artigo definido. Digo "o homem" pois está inserido em um conjunto fechado, numa classe logicamente fundada, mas não posso dizer "a mulher" desde que não há exceção que funde a classe das mulheres.

É por isso que Lacan escreve:

## A mulher

perturbando a lógica clássica onde o "não todo" é ignorado. Essa posição original de Lacan inaugura uma lógica própria ao campo psicanalítico, apontando o "não todo".

Isso tem implicações importantes, pois na medida em que somos todos falocêntricos, aspiramos à totalidade, ou seja, à universalidade, **no entanto, esse**

**todo não é um universal, ele não faz senão regar um não todo.**

A propósito disso, abro um parêntese para comentar uma bela construção de Lacan em um texto bem anterior ao ENCORE: o Seminário 8 - A Transferência. Trata-se da discussão sobre o discurso de Aristófanes onde destaca o caráter esférico do personagem.

Lacan recorre ao que a Psicologia chama a boa forma aludindo que as formas têm uma certa tendência à perfeição, isto é, tendem a assemelharem-se à esfera.

"Isso é muito interessante, mas só faz esboçar o problema, pois assinalo de passagem que essas noções de Gestalt sobre as quais se caminha tão resolutamente só servem para relançar o problema da percepção. Se existem boas formas, a percepção deve consistir em retificá-las no sentido das más, isto é, das verdadeiras".

Observa durante séculos a insistência e apologia à forma esférica e parte daí para analisar o que revela esse desenvolvimento do pensamento antigo.

Antes de Platão, a esfera, Sphairos no masculino, é descrita pelos versos de Empédocles: "... de todos os lados, semelhante a si mesmo, sem limites, Sphairos Kukloteres, Sphairos, que tem a forma de uma bola, reina em sua régia solidão, repleto de seu próprio contentamento, de sua própria suficiência".

Passa por Filolau, Pitágoras, Aristóteles, Heráclides, Aristarco de Samos, Copérnico, Ptolomeu, Kepler, Galileu para desvendar o mecanismo da fascinação pela forma esférica.

"É essa forma que não se podia tocar, contestar; ela deixou o espírito

humano durante séculos nesse erro, recusando-se a pensar que fora de toda ação, de todo impulso estranho, o corpo esteja ou em repouso ou em movimento retilíneo uniforme. O corpo em repouso era suposto só poder ter, fora do repouso, um movimento circular e toda a sua dinâmica foi barrada. Ora, a ilustração incidental disso que nos é dada sob a pena de Platão, que se pode também chamar de poeta, não nos mostra que o que está em questão, nessas formas onde nada se prolonga e se deixa pegar, tem seus fundamentos na estrutura imaginária? Mas a que se deve a adesão a essas formas, na medida em que é efetiva, senão à Verwerfung da castração?"

Ou seja, os fala-seres dependem não do universal, mas do "não todo" e o que produz a idéia de uma felicidade universal ou de uma regra universal, é o puro fantasma do falocentrismo.

Prossigamos em direção ao segundo aforisma de Lacan. Se esse "não todo" permite determinar a classe dos homens nessa lógica inovadora, como já vimos, não permite constituir a classe das mulheres. Portanto, não podemos pôr em correspondência uma classe com a outra. É na impossibilidade dessa relação que não podemos escrever a relação sexual.

E daí temos:

## A relação sexual não existe

O que parece pretender essa organização epistemológica é a consagração desse quantificador "não todo" no sentido de pôr abaixo uma pretensão de totalidade.

Esse pertence ou não pertence traz-nos importantes situações na clínica e aqui evoco o jogo de Hans ao

parafusar e desparafusar o pênis, bordejando no jogo de engano da totalidade o não todo.

Acompanhando Lacan no seu percurso sobre a topologia do feminino confrontamo-nos com o que resulta de suas fórmulas em relação à posição de uma mulher, que não se sente fundada sobre

sua existência, é tão incerta do lugar que ocupa e, conseqüentemente, impossibilitada de um dizer especificamente feminino.

Os homens herdaram a castração, suporte da virilidade. As mulheres se põem a procurar dentro desse conjunto em que se encontram, uma exceção que lhes confira uma posição: uma mãe mítica fundadora de sua classe. É, parece, a isso que se referem às questões com a S. K.

O gozo do homem se organiza sobre o limite que o falo estabelece. E a mulher como pensar seu gozo dentro desse infinito no qual está inserida? Estamos diante de um gozo Outro.

O mundo é sustentado pelo Outro que se oferece ao gozo. O falo faz limite nesse Outro organizando a libido e impedindo a possessão do Outro.

Há duas razões para esse impedimento: uma é que ao abarcar um objeto será sempre o falo que imaginariamente abarcará, pois é ele o organizador desse gozo; a outra é que é impossível abarcar o infinito.

No entanto, o que se sustenta na posição feminina acede ao gozo fálico, mas também, já que está nesse lugar, tem acesso ao gozo Outro, do Outro.

E aí temos:

### A mulher tem um duplo gozo

E porque uma mulher não fala sobre isso?

Convém pensar que um dizer sustenta-se justamente de uma existência, de uma posição que existe ao que pode ser dito, de uma posição de enunciação a se distinguir do enunciado.

Chegando ao final do primeiro tempo desse texto, evoco a preocupação de Lacan de que a psicanálise ficasse aprisionada pelo imaginário, razão pela qual recorre aos matemas que constituem escrituras. A forma lógica dessas escrituras enlaça Simbólico e Real borromeamente, compondo uma gramática do desejo.

Certamente que há muitos outros caminhos para pensarmos essas questões, ainda bem que há, pois apesar dos propósitos de Lacan com os matemas, corremos sempre o risco de cair no que ele tentou por esta vereda evitar, fazendo montagens de pactos imaginários, simétricos, onde o desejo é escamoteado.

- 
- 1 "O um todo" (Heráclito)  
2 Há um que não é todo.